

O CICLO DE CRISES SOCIOECONÔMICAS NOS TERRITÓRIOS: O CASO DE SETE LAGOAS, MINAS GERAIS, BRASIL

THE CYCLE OF SOCIECONOMIC CRISES IN THE TERRITORIES: THE CASE OF SETE LAGOAS, MINAS GERAIS, BRAZIL

EL CICLO DE LAS CRISIS SOCIOECONÓMICAS EN LOS TERRITORIOS: EL CASO DE SETE LAGOAS, MINAS GERAIS, BRASIL

Mario Celso de Felippe - mariocelsodefelippe@gmail.com

Submissão em: 14/12/2024

Aceito em: 05/04/2025

RESUMO

Este artigo analisa os efeitos das crises socioeconômicas nos territórios: o caso de Sete Lagoas, Minas Gerais, Brasil. O estudo justifica pela importância do município, que integra, centraliza e polariza a região imediata homônima. Em termos metodológicos, o suporte deu-se a partir da utilização da abordagem qualitativa. Para a obtenção dos dados de campo, foram realizadas entrevistas com quinze proprietários dos pequenos negócios. Na crise de 2008 a restrição de crédito representou o maior efeito no potencial da crise. A crise de 2014 levou a redução drásticas do consumo e consequentemente às quedas relevantes do PIB. A crise pandêmica teve um efeito perverso, pois além do aspecto econômico, ela ocasionou um número relevante de doenças e mortes.

Palavras-chave: Ciclo de crises, Crises socioeconômicas, Pequenos Negócios, Territórios

ABSTRACT

This article analyzes the effects of socioeconomic crises in territories: the case of Sete Lagoas, Minas Gerais, Brazil. The study justifies the importance of the municipality, which integrates, centralizes and polarizes the immediate homonymous region. In methodological terms, support was provided using a qualitative approach. To obtain field data, interviews were carried out with fifteen small business owners. In the 2008 crisis, credit restrictions represented the greatest effect on the potential crisis. The 2014 crisis led to a drastic reduction in consumption and consequently to significant falls in GDP. The pandemic crisis had a perverse effect, as in addition to the economic, it caused a significant number of illnesses and deaths.

Keywords: Cycle of crises, Socioeconomic crises, Small businesses, Territories

RESUMEN

Este artículo analiza los efectos de las crisis socioeconómicas en los territorios: el caso de Sete Lagoas, Minas Gerais, Brasil. El estudio justifica la importancia del municipio, que integra, centraliza y polariza la región homónima inmediata. Em términos metodológicos, el Apoyo se brindó mediante el uso de um enfoque cualitativo. Para obtener datos de campo se realizaron entrevistas a quince proprietários de pequeñas empresas. Em la crisis de 2008, las restricciones crediticias representaron el mayor efecto de la crisis. La crisis de 2014 provocó uma drástica reducción del consumo y, em consecuencia, importantes caídas del PIB. La crisis

pandémica tuyo um efecto perverso, pues además de los aspectos económicos, provoco um número importante de enfermedades y muertes.

Palavras clave: Ciclo de crisis, Crisis socioeconómicas, Pequeñas empresas, Territorios

1 INTRODUÇÃO

Entende-se as crises socioeconômicas como momentos críticos inerentes à lógica do sistema capitalista. Nesses momentos, regista-se um declínio da atividade econômica, ou seja, a demanda por consumo diminui, acarretando uma retração do comércio de bens e serviços e, por conseguinte, a diminuição da taxa de lucro das empresas, que respondem com desligamento de funcionários. Com o aumento da taxa de desemprego e do nível de renda da população, entre outras consequências, observa-se mais retração da demanda de consumo, isso acaba gerando um círculo vicioso que se mantém por algum tempo.

As crises analisadas por este estudo tiveram seu momento embrionário no final da década de 1990 quando o mundo viu o surgimento de uma bolha especulativa em torno das empresas de tecnologia e internet que ficou conhecida como “bolha das empresas.com”. Na sequência, no início da década do ano de 2000 que foi um período marcado por significativas transformações e, apesar do favorecimento econômico para a economia mundial, onde a inflação apresentava-se baixa e o crescimento elevado, superando 4% em média, essa bolha das empresas.com estourou, levando a uma queda acentuada nos índices de ações, principalmente nas bolsas de valores dos Estados Unidos. Logo após o destaque recaí no ataque terrorista de 11 de setembro de 2001 que também apresentou um impacto profundo na economia global, causando incerteza nos mercados financeiros.

Ainda no ano de 2001 a China faz sua adesão à Organização Mundial do Comércio (OMC) facilitando ainda mais sua integração na economia global. Com efeito, o populoso país asiático começa a emergir como uma potência econômica, com altas taxas de crescimento impulsionadas por reformas econômica e a abertura para o comércio internacional. Por conseguinte, esse cenário de crescimento da China beneficiou o Brasil que experimentou um aumento das exportações de commodities devido a demanda global crescente, especialmente da China.

No início de 2008, houve, no entanto, uma reversão nestas tendências. O ritmo dos negócios desacelerou, acompanhando o agravamento, nos Estados Unidos. Neste sentido, as informações obtidas no período entre os anos de 2008 a 2021, servirão como o recorte temporal. Tal escolha se deu levando-se em consideração uma série de crises que ocorreram nesse período. Inicialmente, com a crise instalada em 2008 no mundo a partir de uma forte queda do índice *Dow Jones* em julho de 2007 o que ficou caracterizado popularmente como a “bolha imobiliária americana”, uma crise internacional do *subprime*.

Em seguida, mais precisamente a partir do ano de 2014 e se estendendo até meados de 2017, o mercado brasileiro sofreu uma série de colapsos em seu sistema econômico, registrando intensa desaceleração das atividades econômicas. Na sequência, no mês de maio do ano de 2018 o mercado é surpreendido com a greve dos caminhoneiros, movimento de grande impacto que envolveu diversos aspectos econômicos, sociais e políticos. Ainda no período delimitado para esta pesquisa, houve a crise socioeconômica deflagrada pela pandemia da Covid-19 que embora tenha começado como uma crise sanitária, a pandemia da Covid-19 gerou um agravado contexto de crise socioeconômica.

Para a análise empírica deste ciclo de crises o recorte territorial foi o município de Sete Lagoas, no estado de Minas Gerais, no Brasil, que vem se destacando como município que tem atraído operações para seu entorno. Distante apenas 70 km da capital Belo Horizonte, Sete Lagoas permite acesso à capital pela rodovia federal BR 040 pela rodovia estadual MG-424, sendo que esta última oferece também a ligação do município ao aeroporto internacional de Confins. Além dessas facilidades logísticas, o território conta com oferta de mão de obra capacitada e qualificada pelas operações oferecidas pelas diversas universidades instaladas no município e pelas escolas técnicas do Sesi, Senai e Escola Técnica Municipal de Sete Lagoas (ETMSL). Essas vantagens têm potencializado um ambiente propício para o desenvolvimento econômico no município, favorecendo uma diversificação de negócios, inclusive beneficiando a região.

2 REFERÊNCIAL TEÓRICO

2.1 Território: lugar onde acontece o encontro do global com o local “a crise”

Sete Lagoas, município mineiro com uma população de 227.397 habitantes e uma densidade demográfica de 423,5 habitantes por km² (IBGE, 2022). Além da relevância populacional o município conta com um parque industrial diversificado e amplo, com significantes representantes dos diversos gêneros industriais, dentre transportes, indústrias alimentícias e agroindustriais, indústria têxtil, comércio varejista e atacadista, mineração, indústria metalúrgica, transformação mineral não metálico e indústria de autopeças e automobilística. O município conta ainda com grande facilidade de inserção espacial de empresas, dada à proximidade de recursos naturais e insumos. Sete Lagoas pode ser considerada de uma localização privilegiada por estar próxima aos principais polos de consumo e produção do País: São Paulo e Rio de Janeiro; além do sistema rodoviário que facilita a escoação para os demais estados e aos portos de Tubarão e Vitoria, Espírito Santo (ES) e aos países do MERCOSUL facilitando a exportação. Sendo assim, o município ocupa posição de expressiva centralidade na região na qual se localiza, centralidade que pode ser constatada em suas características demográficas, especialmente em função do crescimento populacional registrado nos últimos anos.

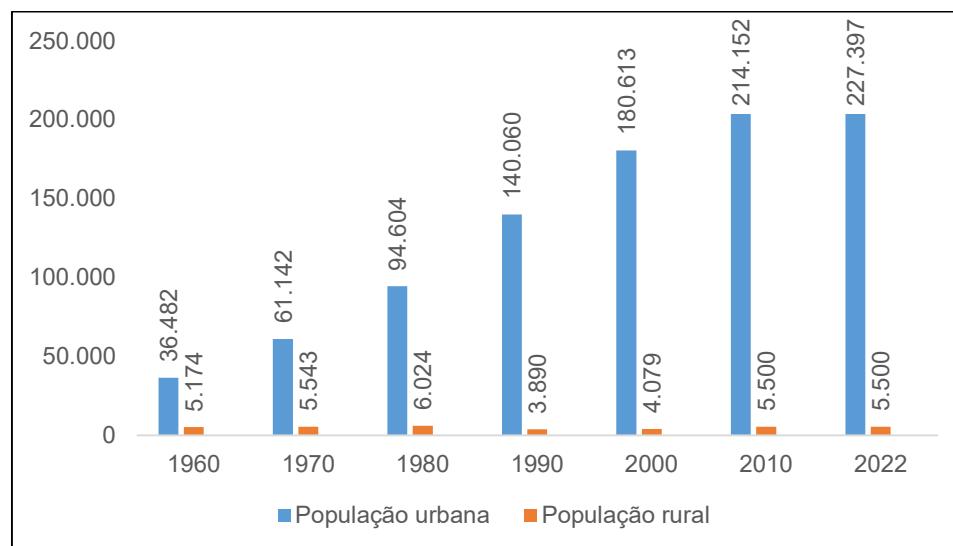
Neste contexto, Sete Lagoas tem se tornado o berço de organizações de médio e grande porte, o que torna necessária a instalação de pequenos negócios para atendimentos dessas corporações maiores. Em abril de 2023, data de coleta dos dados, o município contava com 30.992 empresas (JUCEMG, 2023). Desse total, o setor de comércio participava com 9.435 empresas, equivalente a 30,4%; o setor de serviço participava com 18.338, correspondente a 59,2% do total de empresas; a indústria representava apenas 10,3% do total, com 3.206 unidades; e uma porcentagem pouco significativa de cooperativas no município, com um total de apenas 13 unidades (JUCEMG, 2023). A Tabela 1 apresenta o inventário de empresas com as devidas participações no território distribuído por porte.

Tabela 1 - Inventário das empresas de Sete Lagoas, 2023

Porte das Empresas	Tipo	2023	Part. %
Empresa de Pequeno Porte	Comércio	428	
	Indústria	106	
	Serviço	483	
Sub total		1017	0,0328149
Micro empresa, incluindo o microempreendedor	Comércio	8727	
	Indústria	2978	
	Serviço	17112	
Sub total		28817	0,9298206
Normal (não se enquadra nas situações acima)	Cooperativas	13	
	Comércio	280	
	Indústria	122	
	Serviço	743	
Sub total		1158	0,0373645
TOTAL DE EMPRESAS		30992	1

Fonte: Elaborado pelo autor a partir de JUCEMG, 2023. Dados coletados em 05 abr. 2023.

Outro fator relevante é o incremento populacional do município. O território embora apresente um incremento populacional importante nos períodos de 1960 até 2022, sendo assim, entre 2010 e 2022 esse incremento não se sustentou, mesmo assim houve um pequeno crescimento de 6,18%. Na Figura 1, estão apresentados os detalhes anuais dos dados.

Figura 1 - Evolução do tamanho populacional do município de 1960 a 2022


Fonte: Elaborado pelo autor a partir de IBGE (2022)

Segundo dados do último censo realizado pelo IBGE (2022), o território de Sete Lagoas apresenta atualmente uma população de 227.397 pessoas. Nota-se, no contexto, que no período de 1960 a 1970, o município experimentou um crescimento populacional urbano na ordem de 67,6%. Num movimento semelhante, por volta de

1990, ocorre um novo movimento populacional urbano que registra um acréscimo de 28,9%. No Censo de 2010 a população atingiu 214.152 mil habitantes, e no último Censo divulgado pelo IBGE a população chegou a 227.397 mil, porém nota-se que o crescimento obtido nos primeiros anos vem reduzindo ano a ano.

Chama a atenção no município de Sete Lagoas o setor industrial, que já foi considerado o maior produtor do ferro gusa, matéria-prima utilizada na fabricação do aço. Atualmente, ainda existem diversas siderúrgicas instaladas e operando no município. Somando-se a isso, no ano de 1976, houve a instalação da montadora de automóveis da marca FIAT (hoje grupo Stellantis) no município de Betim, que fica a 80 km de Sete Lagoas. Devido à localização estratégica e à oferta de mão de obra técnica treinada, entre outros benefícios que Sete Lagoas oferece, parte das empresas do setor de autopeças nacionais e multinacionais se instalaram no município para atender a demanda da montadora italiana. No ano de 2000, o setor de caminhões e ônibus pertencente ao grupo Stellantis (FIAT) instalou uma unidade da IVECO no território sete-lagoano, então, o município passou a contar com outros setores, diversificando seu parque industrial e alavancando ainda mais a economia local e regional (Nogueira; Garcia, 2010).

Todavia, em meados de 2007 e, com mais severidade nas economias mundiais, a partir de 2008, a crise do *subprime*, (excesso de crédito a tomadores que não apresentavam garantia) desencadeada nos Estados Unidos tornou-se uma “crise sistêmica global que atingiu fortemente a economia brasileira tanto pela via comércio exterior como pela via dos fluxos financeiros, incluindo as linhas de crédito comercial” (Freitas, 2009, p.132).

2.2 A crise internacional do *subprime*

Entre 2002 e 2007, a economia dos Estados Unidos registrou uma nova expansão, desta vez impulsionada por um *boom* nos preços de habitações. Neste cenário, Evans (2011) observa que as instituições financeiras expandiram agressivamente os seus empréstimos hipotecários, como resultado da desregulamentação financeira, que lhes permitiu ficar sujeitas a condições mais brandas. Com efeito, essas instituições tinham em suas carteiras empréstimos destinados a famílias de baixa renda por intermédio das chamadas hipotecas *subprime* e, neste sentido, corriam riscos de altos prejuízos. No entanto, ao analisar essa crise, Torres Filho e Borca Junior (2008) salientam que a dimensão dos prejuízos não era a mais importante, e sim a ameaça que rondava os diversos bancos e fundos de investimentos exatamente por causa da concentração das operações. Com efeito, o tema que mais se destacou no cenário econômico a partir de 2007 foi a crise do *subprime*, sendo assim, os autores explicam que, ao longo do segundo semestre daquele ano, os mercados financeiros foram surpreendidos por notícias de que as perdas relacionadas ao financiamento de imóveis nos Estados Unidos estavam muito elevadas.

A crise do *subprime* atravessou momentos distintos, para Bresser Pereira (2010) foi a mudança dos mercados financeiros mundiais, com o fim do sistema *Bretton Woods* em 1971, e a desregulamentação que abriram as portas para a crise. Segundo o autor, depois de 2001/2002 a política monetária manteve as taxas de juros baixas por muito tempo, elevando a oferta de crédito, no entanto, a estabilidade financeira, na opinião de Bresser Pereira (2010), exige que se limite a expansão de crédito.

De acordo com Castells *et al.* (2013), três movimentos de inovação interrelacionados colocaram a prova o modelo capitalista keynesiano, acelerando de alguma forma o processo da crise do *subprime*, são eles: um novo paradigma tecnológico, uma nova forma de globalização e as novas culturas que emergiram dos movimentos sociais dos anos 1960 e 1970. Os autores asseveram que as mudanças culturais decorrentes desses movimentos de inovação acenderam uma verdadeira reivindicação pela liberdade, trazendo paixão pelas descobertas, o que impulsionou os avanços tecnológicos, realizados por meio das pesquisas nas próprias universidades.

Com efeito, a crise disseminou-se pelo globo, levando à queda de grandes bancos e instituições na Europa e nos Estados Unidos, neste país, destacam exemplos como: *Merril Lynch, BearStems, Citigroup e Lehman Brother*. Katz (2011) explica que essa foi uma crise de insolvência porque o acidente que desencadeou o processo foi a impossibilidade dos devedores do sistema imobiliário arcarem com os pagamentos de suas cotas. No mesmo segmento, os bancos encontraram uma grande lacuna de cobrança, pois eram onze milhões de residências avaliadas abaixo de suas hipotecas e um quinto desses proprietários sufocados por créditos impagáveis.

A trajetória da crise internacional de 2008 se insere no último ciclo de construção residencial dos Estados Unidos, cuja fase de expansão teve início em meados da década de 1990, recebeu novo impulso no ano 2000 em decorrência do segmento de alta tecnologia, as chamadas (empresas.com), tendo apresentado mais um pico em 2005, quando os preços residenciais sofreram uma elevação da ordem de 14% (Gontijo, 2008).

De acordo com Bresser-Pereira (2009), a crise financeira das hipotecas *subprime* possui uma série de fatos que a explicam: 1) trata-se de uma crise bancária e não uma crise de balanço de pagamentos, mas a falta de confiança não se deu somente em relação aos bancos e sim na economia estadunidense como um todo; 2) a concessão de empréstimos hipotecários para credores que não tinham capacidade de pagar, ou que não teriam condições de fazê-lo a partir do momento que a taxa de juros começasse a subir, como de fato ocorreu, foi irresponsável; 3) o modelo dos sistemas financeiros nacionais implantados desde meados dos anos 1970 nos Estados Unidos levaram à crença de que tudo seria perfeitamente autorregulado.

Assim como os demais países, o Brasil sofreu os efeitos da crise, uma vez que a economia estadunidense, notadamente globalizada, engendrou a rápida disseminação da crise pelo mundo, gerando uma contração do crédito. Na sequência, uma série de fatores internos e externos começam a afetar a economia dos países chamados emergentes e o Brasil mergulha, novamente, em uma crise econômica interna, assunto da próxima subseção.

2.3 A crise interna brasileira de 2014 a 2017

Após a crise internacional dos *subprimes*, que acabou se estendendo até meados de 2009, ocorre uma série de reflexos em outras economias. Deflagra-se a chamada crise dos emergentes, que são países com uma estrutura econômica muito dependente, em geral agroexportadores, com indústria de baixa tecnologia e, portanto, muito suscetíveis às pressões econômicas do capital internacional, do comércio mundial e dos preços das *commodities* (Barbosa Filho, 2017).

A taxa de crescimento de um conjunto de países latino-americanos caiu 0,5% ao ano. Já no Brasil, essa queda foi de 2% ao ano. Barbosa Filho e Pessôa (2015) avaliam que essa queda adicional de 1,5% ocorrida no Brasil é fruto do conjunto de políticas erroneamente adotadas pela equipe econômica do governo brasileiro à época.

No início do ano de 2015, o Comitê de Datação do Ciclo Econômico (CODACE) da Fundação Getúlio Vargas (FGV) anunciava que a economia brasileira se encontrava em recessão desde o segundo trimestre de 2014. Segundo o órgão, o produto *per capita* brasileiro caiu cerca de 9% entre 2014 e 2016.

A crise resultou em um conjunto de choques de oferta e demanda. De acordo com Barbosa Filho (2017), o impacto do choque de oferta é prolongado, pois os investimentos realizados em setores pouco produtivos demandam um longo período para se recuperar. Já os choques de demanda estão divididos em três grupos: o primeiro grupo corresponde ao esgotamento da Nova Matriz Econômica (NME)¹ no final de 2014. O segundo choque é a crise de sustentabilidade da dívida pública doméstica de 2015. O terceiro fator foi a necessidade de corrigir o protecionismo excessivo, o que exigiu uma política monetária contracionista para controlar a inflação, após o Banco Central ter perdido sua credibilidade (Barbosa Filho, 2017).

Segundo Tonelo (2021), observam-se, porém três movimentos destacados que podem ter influenciado a retração brasileira: o primeiro ocorre a partir de 2012, com a desaceleração da economia chinesa; o segundo ocorre em função de uma mudança nos fluxos de capitais, com forte expressão a partir de 2013; e terceiro com o declínio no preço das *commodities* (Tonelo, 2021).

Complementando, Paula e Pires (2017) destacam que a economia brasileira sofre uma série de choques como crise hídrica², desvalorização da moeda, aumento da taxa de juros SELIC, esses fatores teriam contribuído para reduzir ainda mais o crescimento econômico, desacelerando acentuadamente para -3,6% em média, no período. Outros efeitos secundários também teriam contribuído para essa recessão, entre os quais figuram o aumento do desemprego, a queda da renda, a contração do mercado de crédito e a redução dos investimentos públicos.

Outras surpresas também tumultuaram a economia brasileira, sendo uma delas a greve dos caminhoneiros, assunto da próxima subseção deste artigo.

2.4 Greve dos caminhoneiros

O Brasil sofreu outras crises que, de alguma forma, geraram interferências nos mercados, afetando os pequenos negócios, e a greve dos caminhoneiros foi um desses episódios. Esse evento, genericamente conhecido como a greve dos caminhoneiros, teve início no dia 21 de maio de 2018, perdurando por onze dias ao longo dos quais houve fechamento de rodovias estaduais e federais por todo território nacional. Conhecida também como a crise do diesel, esse evento ficou marcado pela paralisação de caminhoneiros autônomos em todo o país, que protestavam contra os reajustes frequentes e imprevisíveis nos preços dos combustíveis, em especial do óleo diesel, realizados pela estatal Petrobrás, além disso, esses caminhoneiros reivindicavam também o fim da cobrança de pedágio por eixo suspenso e a redução dos impostos PIS/COFINS - Programa de Integração Social/Contribuição para o Financiamento da Seguridade Social sobre o diesel (Candido *et al.*, 2019).

A paralisação e os bloqueios de rodovias afetaram a população porque gerou indisponibilidade de alimentos, produtos de higiene, remédios e alta nos preços da

¹ A partir de 2011/2012, o Brasil incorporou a chamada NME, políticas de forte intervenção governamental na economia que combinou política monetária com redução da taxa de juros e política fiscal com dirigismo no investimento, elevação de gastos, concessões de subsídios e intervenção em preços (Barbosa Filho, 2011)

² Uma crise hídrica ocorre quando não há uma quantidade suficiente de água potável disponível em uma região para satisfazer às necessidades locais.

gasolina, o que levou alguns municípios brasileiros a decretaram situação de calamidade pública ou estado de emergência, em função dos desabastecimentos. Os mesmos motivos pelos quais alguns proprietários entrevistados se recordam dessa crise. A crise dos caminhoneiros foi também um evento marcante uma vez que evidenciou a dependência do transporte rodoviário no Brasil, pois as paralisações de rodovias geraram reflexos em diversos aspectos da sociedade, obrigando as autoridades a realizarem intervenções para que a greve tivesse fim (Candido *et al.*, 2019).

É nesse território de muitos problemas econômicos, financeiros e ambientais, no qual reina uma desigualdade assustadora, que o novo Coronavírus também se instalou, fato que será assunto da próxima subseção.

2.5 A crise sanitária causada pelo Coronavírus, a Covid-19

Desde a eclosão da crise financeira global em 2008 o baixo crescimento da atividade econômica global é algo que caracteriza a economia mundial, pois as economias globais vêm enfrentando taxas de crescimento historicamente baixas há muito tempo. Neste contexto, Brasil, América Latina e Caribe já estavam em um processo de desaceleração das suas economias bem antes de 2019. Assim, quando a crise sanitária global da Covid-19 se instalou no Brasil, em 2020, a capacidade governamental para enfrentamento da pandemia estava dramaticamente danificada. Além disso, inicialmente, houve a crença de que a crise de contaminação viral seria passageira e seus efeitos pouco graves na população.

Neste contexto, os efeitos do quadro político, econômico e social nos diversos países resultaram em alta demanda por equipamentos médicos específicos, duplo esforço da mão de obra vinculado à área de saúde em geral para o enfrentamento da doença e suas complicações. Além disso, toda a sociedade foi levada a adotar medidas urgentes de cuidado e contenção dos índices de contágio, destacando-se o fechamento de escolas, universidades, comércios, indústrias, inclusive de fronteiras nacionais e internacionais, tudo visando mitigar os graves impactos sociais e econômicos decorrentes da pandemia.

Todas essas medidas de contenção adotadas para evitar uma escalada na transmissão do vírus trouxeram, obviamente, diferentes desafios para a economia dos países. De acordo com Silber (2020, p. 107), “[...] na economia moderna há um descompasso entre o mundo econômico, financeiro e das possíveis ações do Estado”, então, se de um lado, há fechamento de indústrias, de outro, há o aumento da demanda. O aumento da demanda concentrada é explicado pelo fato de que diversas possibilidades de consumo ficam indisponíveis, seja por proibição ou recomendação, seja pelo medo das pessoas de sair de casa para frequentar estabelecimentos públicos.

No aspecto social, compreender a pandemia da Covid-19 como um desastre, significa entender algumas características importantes, que, segundo Birman (2021), envolvem a combinação de quatro elementos fundamentais: 1) um novo vírus, Sars-Cov-2, surge como uma ameaça; 2) a exposição da população mundial a um novo vírus, sem que a maioria das pessoas tenha imunidade; 3) as condições de vulnerabilidade de determinados grupos sociais por idade (idosos), por possuir doenças crônicas (diabéticos, hipertensos, com insuficiência cardíaca, renal ou doença respiratória crônica) ou por precariedade das condições de vida e proteção social (trabalho, renda, saúde e educação, habitação e saneamento, entre outros) afetando, especialmente, os mais pobres; 4) capacidade para respostas e redução dos riscos e

danos à saúde da população, o que envolve, entre outros aspectos, a infraestrutura de saúde.

Sendo assim, a crise econômica agravada pela chegada da Covid-19 trouxe no seu bojo a percepção ao risco e impôs alterações de comportamentos, incorporando novos hábitos na sociedade como, por exemplo, o distanciamento social, e a utilização de máscaras, extremamente necessárias para conter o avanço da doença e evitar o colapso do sistema de saúde. Por fim, a atual pandemia expande o argumento: sem uma infraestrutura verdadeiramente internacional de saúde pública, a globalização capitalista parece se encontrar agora em uma situação, biologicamente, insustentável.

Em momentos de crise, as paralisações das atividades industriais, comerciais e sociais implica queda no nível de emprego e, portanto, afeta o poder de compra de uma parcela da sociedade. Na crise da pandemia, soma-se isso ao fato de que muitos agentes econômicos, em épocas de crises agudas, tendem a se comportar de forma mais cautelosa, consumindo menos, especialmente quando da obrigatoriedade do distanciamento imposta pelas medidas de isolamento social. Como consequência, as empresas que já estavam com certo grau de ociosidade antes da pandemia, tiveram essa característica acentuada.

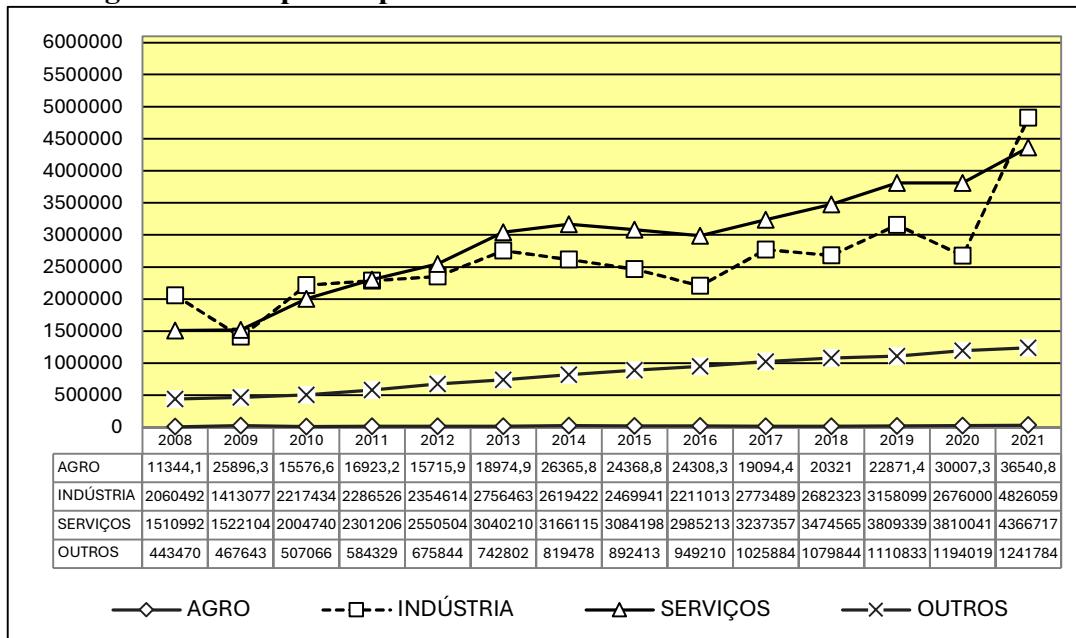
3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O presente estudo orientou-se pelo objetivo geral de analisar os efeitos das crises socioeconômicas do período de 2008 a 2021 no território de Sete Lagoas, Minas Gerais, Brasil. Por certo, a metodologia adotada viabilizou atender e responder ao objetivo proposto. Dessa forma, utilizando da abordagem qualitativa Yin, (2016). Por meio da revisão da literatura e de documentos específicos sobre o tema central da pesquisa, buscou elucidar os dados empíricos obtidos durante a coleta em campo. Por conseguinte, essas informações foram oportunizadas através da condução de entrevistas com 15 proprietários dos pequenos negócios.

A partir da coleta de dados, fez-se uso da abordagem da análise de conteúdo (Bardin, 2020), por meio da adoção de um conjunto de técnicas parciais, mas complementares, cuja finalidade foi explicar e sistematizar o conteúdo das entrevistas realizadas, através de deduções lógicas e justificadas, tendo como referência sua origem, ou seja, as narrativas dos proprietários dos pequenos negócios aqui apresentadas.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Com o objetivo de analisar os efeitos das crises socioeconômicas no território de Sete inicia-se com a analisa da variação do Produto Interno Bruto a preço corrente no período do ciclo de crise, ou seja, de 2008 a 2021 O PIB a preço corrente industrial teve um crescimento no período de 2008 a 2021 de 134,2% saindo de R\$ 2.060.491 em 2008 e chegando a 2021 com R\$ 4.826.059. No ano de 2008 para o ano de 2009 verifica-se uma queda expressiva neste indicador industrial, reflexo da crise do subprime que afetou as indústrias, em especial a automotiva, construção civil e eletrodomésticos, sendo que as duas primeiras têm importante participação no território de Sete Lagoas, conforme dados da pesquisa. Observa-se também quedas nos períodos da crise interna de 2014 a 2017 e no ano de 2020, reflexo da crise sanitária, dados expostos na Figura 2:

Figura 2 - PIB p.c. no período de ciclo de crises socioeconômica


Fonte: Elaborado pelo autor a partir de Sidra (IBGE, 2022)

Ainda com relação à Figura 2, percebe-se quase a mesma trajetória para o setor de serviços, que se refere ao setor onde estão classificados a maioria dos pequenos negócios, com alguns pequenos detalhes. Esse setor tem crescimento de 189,0% no mesmo período do ciclo de crises, então inicia-se em 2008 com um valor de R\$ 1.510.992 e chega a 2021 com R\$ 4.366.716. Apresenta crescimento de 2008 até 2014, em 2015 e 2016 apresenta uma ligeira queda, voltando a evidenciar sinais positivos a partir de 2017 e segue assim até 2021. O efeito da pandemia da Covid-19 não atinge o indicador que têm um pequeno crescimento no período, evidenciando os dados relatados na pesquisa pelos proprietários dos pequenos negócios. Já os outros setores como a agropecuária e outros não apresentaram variações relevantes nesse período.

Os reflexos da crise de 2008 sobre a economia brasileira foram rápidos e agudos, causando uma retração do mercado de crédito doméstico (Paula e Pires, 2022). No entanto, tal fato não é expresso com tamanha relevância nas falas dos proprietários dos pequenos negócios pesquisados. Muitos encontraram saídas e soluções, porém encontraram maiores dificuldades nas duas últimas crises, de 2014 e de 2019. Os motivos que podem ter contribuído para que os proprietários dos pequenos negócios afirmassem que não sentiram os efeitos agudos da crise de 2008 podem ser: engano e esquecimento, haja visto o tempo transcorrido, pois desde 2008 já se passaram 16 anos, o que pode impactar a lembrança dos proprietários sobre os efeitos dessa crise; efeitos tardios da crise, ou seja, os reflexos da crise de 2008 podem ter aparecidos justapostos aos impactos da crise interna iniciada em 2014. A seguir, são apresentados alguns trechos das entrevistas nos quais se apresenta a perspectiva dos proprietários dos pequenos negócios sobre os ciclos de crise e as formas de enfrentamento encontradas para seus negócios.

[...] em 2008 muita coisa mudou com a crise várias empresas fecharam o cenário todo mudou e o país entrou em crise, agora para o meu negócio, eu cuidava de recrutamento e seleção o governo acabou tentando ajudar

algumas empresas que foi o caso da indústria automobilística que em 2010 e 2011 eles nunca tinham vendido tanto carro, o governo tirou os impostos, então acabou que eu perdi de um lado mais ai que com esse crescimento da indústria automobilística, eu acabei conseguindo superar a crise em 2009 e 2010 (PN1, 2023).

[...] as crises de 2008 e 2015, período foi bastante complicado pois as grandes empresas cortaram muitos serviços e faltou bastante crédito no mercado. [...] na última crise, do Covid, foi muito importante o apoio do Governo Federal, pois poder manter o quadro de funcionários se tornou fundamental para atender as novas demandas que surgiram após o pico da crise (PN2, 2023).

Peguei dinheiro emprestado com dois irmãos e dois cunhados. No final de 2009 tinha uma dívida de 80 mil com meus parentes. Cheguei a falar em fechar a empresa, mas não tinha outra forma de buscar meu sustento (PN9, 2023).

Os piores anos da minha empresa foram 2014, 2015 e 2016. O ano de 2016 foi o pior deles. Uma das estratégias que adotei para conseguir capitalizar foi voltar a lecionar na Faculdade. Conseguir dar aulas em duas faculdades a noite. Me ajudava, mas não cobria as despesas da empresa (PN13, 2024).

A crise de 2008 foi bastante turbulenta para nós, paramos algum tempo por falta de trabalho, depois houve uma ajuda do governo e conseguimos retomar. [...] de 2014 não sentimos tanto embora houve redução de demanda e serviços. [...] a covid foi a questão emocional a questão das restrições que a gente tinha da insegurança é isso foi muito tenso e a gente vendo assim alguns conseguindo burlar a crise outros não... agora teve picos ruins com relação a saúde das pessoas, aqui a gente perdeu algumas pessoas muito próxima. Mas a crise de maior proporção para nós foi interna. Em 2010 tive que dispensar meu braço direito na empresa ele e minha diretora administrativa. Hoje eles são meu maior concorrente na cidade (PN14, 2024).

[...] sentimos muito a crise de 2008 por falta de crédito no mercado como um todo, pois os bancos cortaram as linhas de financiamentos e perdemos muito negócio por conta disso. A crise de 2014 até 2018 os serviços caíram muito, mas foi bastante suportável. [...] a pandemia para o nosso setor foi a pior de todas, porque não havia horizonte (PN 15, 2024).

A análise dos trechos das entrevistas, tomando como pano de fundo a literatura discutida, permitem concluir que a crise de 2008 provocou turbulência, problemas financeiros e dificuldades variadas nos grandes setores econômicos, em especial os setores: automobilístico, eletrodomésticos, construção civil. Em contrapartida, também beneficiou alguns setores menores, como os prestadores de serviços de manutenção ou prestação de serviços para a fábrica de caminhões e ônibus da IVECO. Com relação à crise interna de 2014 que se estendeu até 2017, os choques de juros e de câmbio e a deterioração do ambiente político resultaram em recessão econômica de grandes proporções. Apesar do país ter enfrentado alguns casos de contração de renda ao longo do século XX, nenhum apresentou tanto impacto de contração do PIB. Já na crise iniciada em 2019, em virtude dos efeitos da Covid-19, os impactos foram radicais em função do baixo dinamismo, que já marcava a economia brasileira naquele momento. Dada a resposta inadequada do governo federal frente a essa crise, os impactos foram devastadores, em especial nos números de afetados e de mortes, para além dos impactos econômicos. De acordo com dados da pesquisa, nota-se que seus efeitos foram sentidos como benefícios para alguns setores, em especial aqueles

setores que não foram obrigados a fechar suas portas, por se tratar de serviços de utilidade pública, segundo as orientações sanitárias vigentes no momento.

Esse ciclo de crises aumentou significativamente as dificuldades financeiras das empresas, levando-as ao descontrole de seus caixas. Nesse sentido, algumas das empresas pesquisadas sentiram o peso da crise, porém, observa-se nas narrativas a importância da interferência do governo para o apoio aos pequenos negócios, uma vez que foram diversas as interferências governamentais no mercado, em especial nas crises de 2008 e 2020. Em 2008, setores críticos como eletrodomésticos, construção civil e empresas automotivas receberam apoios importantes, e, em 2020, o mercado como um todo foi apoiado pelas dinâmicas governamentais de auxílio.

Afetou o caixa, mas foi possível contornar as dificuldades devido o apoio do Governo Federal junto a folha de funcionários (PN2, 2023).

Na área financeira foi horrível em todas as crises. O caixa ficou com bastante dificuldades e busquei ajuda com a família. Atrasei impostos, mas a parte trabalhista nunca deixei atrasada. Fornecedores também ficam em dia. Porém tive que fazer demissões (PN9, 2023).

Todo e qualquer crise que afeta a economia, acaba refletindo em nosso setor e diretamente no nosso caixa. Assim se não conseguimos receber os aluguéis, e não podemos reajustar, o impacto no nosso caixa é direto (PN13, 2024).

Houve uma diminuição nos recebimentos, acarretando a busca por empréstimos bancários e ajuda do governo para manutenção da empresa (PN14, 2024).

Neste artigo, estão apresentadas evidências que demonstram o quanto as crises causam mudanças nas sociedades. No Brasil, essas crises afetaram a saúde financeira das empresas, impactando no aumento das desigualdades sociais. A crise sanitária causada pela Covid-19, além de intensificar os problemas políticos, econômicos, sociais e financeiros, ainda causou centenas de milhares de óbitos. Decorrente da magnitude dessa crise, quando foi perguntado aos proprietários dos pequenos negócios sobre o impacto dos ciclos de crises socioeconômicas sobre mudanças culturais, sociais e ambientais, as respostas se concentraram na análise da crise sanitária. Além de se tratar de uma crise mais global e específica, ou seja, uma pandemia sanitária, os proprietários dos pequenos negócios não dispunham de detalhes da mesma natureza em relação às outras crises, o que pode confirmar a tese já apresentada neste texto de que a crise de 2008 não tem seus efeitos considerados relevantes pelos entrevistados em virtude do tempo transcorrido desde 2008. O foco dos entrevistados sobre a crise de 2020 em relação às mudanças culturais, sociais e ambientais está ilustrado nos próximos trechos de entrevista.

Todo mundo que usa lápis, caneta, borracha, eu arrumei um desse recipiente, e aí eu jogo o álcool, e só no outro dia que eu uso (PN1, 2023).

[...] continuamos usando a máscara porque não era lei mais, mas lá na empresa, a gente continuou usando a máscara. O interessante também foram os trabalhos online (PN2, 2023).

Mudamos nossos hábitos em trabalhar, começamos a atender de grade fechada de forma a não deixar as pessoas chegarem perto (PN6, 2023).

Grande impacto, pois a proibição de exercer suas atividades em alguns seguimentos, gerou uma grande bola de neve, prejudicando toda a sociedade e ao nosso negócio (PN14, 2024).

Cultural mudou, eu acho que tanto cultural quanto ambiental, houve mudanças com relação aos novos hábitos, a gente se cuidou melhor no sentido de ter a cultura de lavar as mãos melhor, de entender um pouco mais de transmissão de doenças, entender que não só a Covid, mas outras doenças são transmitidas da mesma maneira, doenças contagiosas, então a mudança sim aconteceu, ainda melhor no trato do ambiente, quanto na cultura de cuidados pessoais e minimizar a redi transmissão de doenças contagiosas (PN15, 2024).

A pandemia da Covid-19 provocou mudanças significativas no mundo organizacional, afetando a cultura empresarial e algumas práticas de trabalho como, por exemplo, o trabalho em regime de *home office*, uma adaptação encontrada para manter as atividades durante o isolamento exigido pela legislação sanitária brasileira. Apesar do fim das restrições sanitárias, algumas grandes empresas ainda utilizam o trabalho *home office* como padrão, permitindo que seus funcionários trabalhem de forma remota permanentemente ou de forma parcial. Neste sentido, as empresas se viram diante da necessidade de ajustar suas culturas organizacionais para enfrentar a crise e como isso aconteceu de forma muito abrupta, muitas empresas e funcionários não estavam preparados para uma transformação tão imediata.

A crise sanitária forçou adaptações como fechamento de estabelecimentos, busca por alternativas de atendimento aos clientes. Além disso, várias outras formas de culturas tiveram suas trajetórias alteradas, ou seja, a cultura organizacional, que norteia a forma como o negócio funciona e interage com o mercado, teve que se flexibilizar. A pandemia não só afetou os aspectos organizacionais, mas também teve um profundo impacto nos aspectos sociais e ambientais, moldando as relações e os comportamentos das pessoas com os diversos grupos e com o meio ambiente.

Como se poderá constatar na sequência, as narrativas dos proprietários dos pequenos negócios descrevem mudanças nos aspectos sociais e ambientais, especialmente relacionadas ao isolamento e ao distanciamento social, pois muitas pessoas experimentaram a solidão devido à falta do contato físico com amigos e até mesmo com familiares. Os entrevistados citaram as reuniões *online* e a dependência de comunicações virtuais aumentada, que, no entanto, não produziam os mesmos efeitos que as conexões presenciais, segundo eles.

Socialmente foi um momento difícil, mas praticamente todos os colaboradores se envolveram a maioria dos clientes também entenderam o momento. Tivemos poucos casos de cancelamentos. Somente as renovações não aconteceram [...] com o meio ambiente vamos ver o futuro, quais serão as reações (PN3, 2023).

No social, a gente teve sim que fazer várias adaptações com clientes, fornecedores, colaboradores, pela questão de reduzir o risco de infecção das pessoas (PN4, 2023).

[...] os fornecedores também eu sempre paguei em dia [...] o trato com o meio ambiente melhorou, porque muitas coisas começamos a reduzir, água, energia, poluição (PN7, 2023).

[...] afastamento das pessoas porque optamos por trabalhar com a grade fechada, de forma que o cliente não tinha acesso ao interior do escritório, causando o distanciamento na hora do atendimento. [...] no meio ambiente o maior impacto está nas fabricas (PN8, 2023).

[...] houve um distanciamento dos nossos clientes na hora do atendimento (PN9, 2023).

No social com nossos clientes através dos diálogos e entendimentos antecipados foi a melhor maneira para tentarmos superar as dificuldades nos momentos de crise [...] com o meio ambiente acho que mudaremos a forma de enxergar o quanto utilizamos mal as coisas (PN11, 2023).

[...] cada pessoa em uma ponta da sala, tudo aberto, até hoje eu faço isso (PN13, 2024).

Entre as exacerbações impulsionadas pela pandemia causada pela Covid-19, a desigualdade social é a mais latente, e as pessoas em situação de vulnerabilidade enfrentaram dificuldades ainda maiores. Acesso limitado a recursos, como internet para a educação *online*, falta de moradia adequada e dificuldades econômicas agravaram as disparidades sociais. Outro fator agravante foi o estado da saúde mental, pois o estresse, o medo e a incerteza afetaram fortemente o equilíbrio mental das pessoas.

Apesar do contexto de dificuldades relacionados à pandemia, registrou-se aspectos positivos inspiradores, com o aumento de engajamentos cívicos, uma vez que muitas pessoas e empresas se envolveram em atividades voluntárias no auxílio a hospitais, com compras de respiradores, camas, tubo de oxigênio, além da distribuição massiva de máscaras e álcool gel à população.

5 CONCLUSÃO

O presente estudo orientou-se pelo objetivo geral de analisar os efeitos das crises socioeconômicas do período de 2008 a 2021 no território de Sete Lagoas, Minas Gerais, Brasil. Neste contexto, as principais crises socioeconômicas analisadas neste artigo foram identificadas cronologicamente. No primeiro momento a análise recaiu sobre a crise internacional de 2008, também conhecida como a crise do *subprime*, uma crise financeira desencadeada em 24 de julho de 2007 com a queda do índice *Dow Jones*, motivada pela concessão de empréstimos hipotecários de alto risco. Essa prática arrastou vários bancos para uma situação de insolvência, repercutindo no mundo todo com mais severidade a partir de 2008. Essa crise apresentou impactos bastante severos e agudos no Brasil, no território pesquisado, no entanto, esse impacto se dá de diversas maneiras. O efeito negativo mais relevante foi a ausência de crédito para as empresas de pequeno porte, que foram obrigadas a disputar as linhas de créditos e financiamentos com os grandes conglomerados, ficando os pequenos negócios em situação de desvantagens. Alguns proprietários dos pequenos negócios entrevistados nesta pesquisa relataram que, apesar das dificuldades, conseguiram passar pela crise emprestando dinheiro dos familiares ou até mesmo buscando outra atividade para cobrir os gastos da empresa, como relatado pelos proprietários entrevistados.

O segundo momento de crise socioeconômica analisado neste texto refere-se à crise interna de 2014 a 2017, que teve impactos mais amplos na economia brasileira, com início de uma recessão a partir do segundo trimestre de 2014, provocando uma queda brusca no PIB entre 2014 e 2016 de aproximadamente 9%. Como essa crise foi resultado de uma combinação de choques de oferta e demanda, reduziu a capacidade de crescimento da economia, aumentando o risco de insolvência das finanças públicas. Além disso, essa crise também causou queda nas vendas dos pequenos negócios, observada nos relatos apresentados ao longo da pesquisa.

O terceiro momento de crise analisado no escopo desta pesquisa refere-se à crise sanitária causada pela Covid-19. Neste momento, os governos determinaram o fechamento das atividades com o intuído de diminuir o contágio, ainda que muitas

empresas tenham permanecido em atividade devido às necessidades da população. Como consequência econômica mais marcante dessa crise, observou-se a queda de faturamento para uma grande parte das empresas, ocasionando dificuldades financeiras entre elas. Neste contexto, a extensão de linhas de crédito e o auxílio emergencial foram considerados pelos entrevistados como as medidas mais importantes tomadas pelo governo federal, no intuito de minimizar os efeitos negativos da crise, que exigiu muita adaptação, criatividade e resiliência por parte dos empreendedores. De acordo com as entrevistas realizadas, evidenciou-se a busca por soluções financeiras, apoio governamental e estratégias inovadoras, como vendas *online*, como estratégias fundamentais para o enfrentamento dos desafios impostos pela crise.

Essa crise decorrente da Covid-19 acabou favorecendo alguns setores que não foram obrigados a fechar suas portas por tratarem de ofertarem serviços considerados essenciais à população. Por outra parte, houve um apoio sistemático e importante das organizações locais para que esses negócios conseguissem transpor esse momento crítico. Além disso, montou-se também uma rede de colaboração entre empresários para ajudar os órgãos públicos de saúde com compra de equipamentos e materiais para os leitos hospitalares, máscaras, álcool em gel e até mantimentos para a população mais vulnerável.

Durante as entrevistas com proprietários dos pequenos negócios foram citadas outras crises que afetaram seus negócios, como a greve dos caminhoneiros em 2018 e crises internas vinculadas ao próprio negócio. Por outra vertente, a complexidade das crises socioeconômicas torna o assunto extenso, pois os impactos dessas crises não são sentidos de maneira homogênea pelos territórios e nem tão pouco pelos proprietários de pequenos negócios. À vista disso, abrem-se caminhos para novas pesquisas que busquem suprir as lacunas existentes nos impactos das crises socioeconômicas que tem afetado os territórios, interferindo e modificando, assim, o seu desempenho econômico.

REFERÊNCIAS

BARBOSA FILHO, F. de H. A crise econômica de 2014/2017. Instituto Brasileiro de Economia. Rio de Janeiro-RJ: Fundação Getúlio Vargas, Estudos Avançados, v.31, n. 89, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/s0103-40142017.31890006>. Acesso em: 5 jul. 2024.

BARBOSA FILHO, Fernando de Holanda, PESSÔA, Samuel de Abreu
Desaceleração veio da Nova Matriz e não do Contrato Social. In BONELLI, R.;
VELOSO, F. (org.) **Ensaios IBRE da Economia Brasileira – II**, Rio de Janeiro:
Elsevier, 2015.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Editora 70, 2020.

BIRMAN, J. **O trauma na pandemia do coronavírus:** suas dimensões políticas, sociais, econômicas, ecológicas, culturais, éticas e científicas. Rio de Janeiro:
Civilização Brasileira, 2021.

BRESSER-PEREIRA, L. C. A crise financeira global e depois: um novo capitalismo.
Novos Estudos CEBRAP, 86 – Mar. 2010.

CANDIDO, R. L.; SANTOS, V. E. da S. TAVARES, F. B. R. O impacto econômico da greve dos caminhoneiros: uma análise jurídica, fática e econômica dos acontecimentos. **Research, Society and Development**, v. 8, n. 1, Universidade Federal de Itajubá- MG, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.33448/rsd-v8i1.638>. Acesso em: 5 jul. 2024.

CASTELLS, M.; CARDOSO, G.; CARAÇA, J. **A crise e seus efeitos:** as culturas econômicas das mudanças. São Paulo: Paz e Terra, 2013.

EVANS, T. Cinco explicações para a crise financeira internacional. **Revista Tempo Do Mundo**, 3(1), 2011, p. 9-30. Disponível em: <https://www.ipea.gov.br/revistas/index.php/rtm/article/view/103>. Acesso em: 5 jul. 2024.

FREITAS, M. C. P. F. Os efeitos da crise global no Brasil: aversão ao risco e preferência pela liquidez no mercado de crédito. **Dossiê Crise Internacional II - Estud. av.** 23 (66), 2009. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-40142009000200011>. Acesso em: 5 jul. 2024.

GONTIJO, Claudio. **Raízes da crise financeira dos derivativos subprime**. Belo Horizonte: UFMG/Cedeplar, 2008.

IBGE. **Censo 2022**. 2022. Disponível em: <https://censo2022.ibge.gov.br/pt/censo-2022-inicio.html?lang=pt-BR>. Acesso em: 30 mar. 2023.

JUCEMG. **Estatística de empresas**. 2023 [dados enviados pela instituição em 5 abr. 2023].

KATZ, C. El Ajedrez Global de la crisis. **Crítica e sociedade: revista de cultura política**, v.1, n.3. Edição Especial, dez. 2011. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/criticasociedade/article/view/14549>. Acesso em: 5 jul. 2024.

MATTEI, L., HEINEN, V.L. Impactos da crise da Covid-19 no mercado de trabalho brasileiro. **Revista de Economia Política**, v. 40, n. 4, pp.647-668, outubro-dezembro/2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0101-31572020-3200>. Acesso em: 5 jul. 2024.

NOGUEIRA, M.; GARCIA, R. A. **A centralidade urbana de Sete Lagoas na região central de Minas Gerais:** o que revelam os fluxos populacionais, 2010. Disponível em: <https://diamantina.cedeplar.ufmg.br/portal/download/diamantina-2010/D10A036.pdf>. Acesso em: 5 jul. 2024

PAULA, L. F.; PIRES II Manuel. Crise e perspectivas para a economia brasileira. **Estudos Avançados** 31 (89), Jan-Abr. 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/s0103-40142017.31890013>. Acesso em: 28 maio 2022.

SILBER, S. D. A fragilidade econômica e financeira na pandemia do Sars-Covid-19. **Impactos da pandemia. Estud. av.** 34 (100). Set-Dez 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/s0103-4014.2020.34100.008>. Acesso em: 5 jul. 2024.

TONELO, I. **No entanto ela se move:** a crise de 2008 e a nova dinâmica do capitalismo. São Paulo: Boitempo/Iska, 2021.

TORRES FILHO, E.; BORCA Jr. G. A crise do subprime ainda não acabou. **Visão do desenvolvimento.** n.50, Rio de Janeiro: BNDES, 2008. Disponível em: <https://web.bnDES.gov.br/bib/jspui/bitstream/1408/5134/1/Vis%C3%A3o50%2014.07.08%20-%20A%20crise%20do%20Subprime%20ainda%20n%C3%A3o%20acabou%20.pdf>. Acesso em: 8 jul. 2024.

YIN, Robert K. **Pesquisa qualitativa do início ao fim.** Porto Alegre: Penso, 2016.